



A actriz inglesa Killy Gordon que se divorciou de lord Beresford para casar com o conde de Fries

N.º 283 Lisboa, 24 de Julho de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4\$800—Semestre, 2\$400—Trimestre, 1\$200

*Ilustração*  
**PORTUGUEZA**

Edição semanal do jornal O SECULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Impressão: RUA DO SECULO, 43



Quer V. Ex. receber interessantes noticias?  
 Preencha o coupon junto, e envie-o a:

**PAUL DU ROVERAY**

**39, Rua dos Sapateiros, 1.º, LISBOA**

OU

**FREDERICO BAYER & C.ª**

**139, Rua das Flores, 1.º, PORTO**

**SOMATOSE LIQUIDA**

**GUAYACOSE**

Dois dos melhores  
 medicamentos modernos

**COUPON**

Nome .....

Morada .....

.....

# THEATRO · AO · AR · LIVRE ·



Não é moderno este theatro, onde as convenções e carpinterias se limitam á parcimonia indispensavel. Em França, o theatro de ar livre tem-se sub-dividido em theatro de ar livre propriamente dito e theatro da natureza. Ao primeiro limitaram-lhe as attribuições contentando-se em que elle fôsse um thea-

tro amavel, representado onde verdura. Ao segundo deram-lhe ruínas, evocações romanas, scenarios egypcios e um tom de magestade que o impõe embora o severise, mas que concorre sómente para o graduar consagrado e eleito. Assim enquanto ao primeiro, o de verdura, menos convencional ainda, se é possível, a «Société de l'Histoire du Theatre» dava em Pré Catelan (1904) o seu auxilio com Mounet-Sully a representar o *Œdipe ro*, recussitando Verselles e o seculo XVIII com o seu Molière, o segundo imperio e o Bosque de Bolo-

nya, o theatro da Natureza procurava os amphitheatros de Nimes, Béziers, e o muro romano de Orange. As arenas de Nimes com os seus 20:000 espectadores, assistindo a *Semiram s* de Peladam, ou as arenas de Béziers escutando *Armide*, a opera de Gluck, ou ainda Cauterets, Champigny-la-Bataille ou *La Légende de Cœur* sob a sombra protectora do muro de Orange são acontecimentos theatraes dignos de nota. Evoca-se o passado e n'aquelles amphitheatros outr'ora povoados de combates, combatem hoje as paixões. Desenrolam-se as scenas e cada coração espectador é uma nova arena onde o odio rugue ou a gratidão se prosterna aos pés do vencedor.

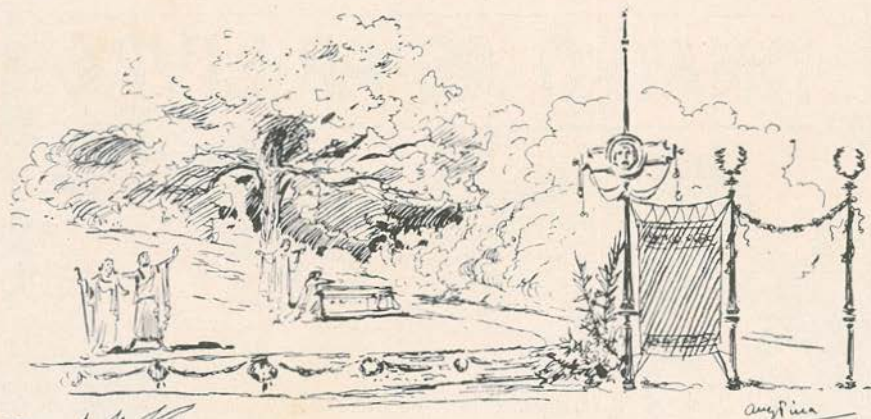
O Theatro do Ar Livre deve-se em Portugal aos esforços de Alexandre Azevedo, Augusto Pina, Adelina Abranches e Pinto Costa. Augusto Gil ficará de escrever a peça da abertura, o que não pode fazer. E foi então que quem escreve estas linhas indicou Eschylo e Coelho de Carvalho, salvando a situação. O resultado foi optimo. Não poderia ter aberto com melhor chave. Eschylo mais uma vez com seu cothurno de immortál subjugou as almas. Local escolhido o Jardim da Estrella. Domingo, 2 de julho de 1911, a data. O local prestava-se com a sua sombra escura de arvores, sua penumbra discreta nos longes de scenário e um tom de velada que faz sonhar e sentir. *Dramatis personae*, Azevedo no *Orestes*, Adelina na *Elektra*, Barbara na *Kytaimnestra*, Lopo Pimentel no *Pylades*, Aura Abranches no *Coripheu* do côro das



1—O actor Azevedo, no «Orestes»

2—Alexandre Azevedo 3—Coelho de Carvalho, que adaptou o «Orestes»

4—Adelina Abranches



1—Scena do «Orestes» (desenho de Augusto Pina) 2—Augusto Pina trabalhando no seu atelier na parte que decorou para o «Orestes»

Khoephoras, Pinto Costa no *E-isthro*, Luz Velloso na *Ghylsse* e Theodoro Santos no *Escravo*.

O entusiasmo, tal que a população invadiu recintos reservados e espalhou a confusão. A arte fazia mais uma vez o papel de lyra de Orpheu, que logo a confusão deu lugar ao silencio religioso. A lyra de Orpheu domava as feras.

Eschylo, esse Deus creador da tragedia antiga, «forte como a rocha, tumultuoso como o mar embravecido, ardente como o fogo» foi o auctor escolhido. Coelho de

Carvalho, o seu interprete em bellos versos portuguezes.

Intitulava-se a tragedia *Orestes*, em 3 actos e composta com os motivos das Khoephoras (carpideiras). A acção passava-se em Argos, entre o velho palacio de Pelops e o tumulo de Agamémnon. Por scenario um portico grego e o monticulo de terra sob que devia repousar o rei. Sobre o tumulo um cypreste espalhava a sua sombra.

Mas eis que toda a gambiarra se illumina e da esquerda lentamente Orestes acompanhado de Pylades vem descendo. Traz na mão um punhado de cabellos loiros e, ao encontrar-se com o tumulo, abeira-se da scena

«Oh Hermes subterraneo! guia e guarda dos mortos! sê-me protector e auxilio! Após longo desterro, volvo á patria.»

E Orestes offerece os seus cabellos ao tumulo. Da direita sua irmã surge. Com ella vem uma comitiva trazer as libações aos manes do finado. Orestes occulta-se.

Elektra vem chorando a sua dôr de filha que vê o pae morto pelo padrao ambicioso. O *Coripheu* annuncia-lhe que consultados os adivinhos annunciaram que

«... em furor os mortos iam erguer-se contra os matadores!»

Elektra diz que e vão engano tentar aplacar a colera dos deuses. E a idéa da vingança persegue-a. Mas logo atormentada se contorce:





1—Pinto Costa 2—Barbara Wol-kart

3—Luz Velloso 4—Theodoro Santos

«A terra bebeu sangue, o morticínio germinou em vingança...»

Diz que occulta o seu odio e pergunta que palavras deve dizer ao ofertar as libações. E' sua mãe que a envia, e ella, pobre d'ella, só poderá pedir que os Deuses se apressem a castigar o crime? Mas *Coripheu* diz que ao derramar o liquido das amphoras ella rogue pelo seu nome e por alguém que de *Egisthro*, o padrasto, inimigo seja. Recorda-lhe *Orestes*, ausente da patria. Ella faz o sacrificio e invocando o rei seu pae diz-lhe que com *Orestes*

«Errantes ora andamos e trahidos por nossa propria mãe! Ella partilha com *Egisthro* teu thalamo!... Elle o cumplice da tua morte, oh pae!...»

*Elektra* ao depôr a taça sobre o tumulo encontra os cabellos. Turvada cogita e interroga-se. Olha a madeixa vê as pegadas e eis que *Orestes* e *Pylades* apparecem. Não os reconhece. *Orestes* dá-se a conhecer. Ella alegra-se e com *Orestes*, invocando Deus, fãa em vingança. *Coripheu* intervem reclamando prudencia.

Então *Orestes* diz que o oraculo de *Apollo* lhe ordenou que perseguisse do pae os matadores

«Como elles o feriram, quer que os fira.»

Se o não fizer annunciou-lhe que

«... negra lepra

com seus dentes agudos roeria o principio da vida no meu corpo; os meus cabellos, vê-os-hia brancos antes da idade; e disse-me que as furias de que hei-de reear-me, nasceriam do sangue de meu pae...»

O *Coripheu* com *Orestes* e *Elektra* fazem votos pela vingança, *Elektra* diz que a mãe é impia e má. Que apenas assassinado logo ao rei, para que se não vingasse, lhe cortou as extremidades. A ella, filha, afastaram-na de palacio. Mas *Orestes* inquire como ordenou ella aquelles sacrificios que vê. *Elektra* diz que as motivou um sonho. A rainha sonhou que parira uma serpente e ao seio a amamentava, e ella com o leite o sangue lhe bebia. *Orestes* ardendo em furia diz que elle será o monstro que o materno ventre pariu e combina o crime. *Elektra* voltará a palacio. *Orestes* e *Pylades* irão disfarçados

em peregrinos pedir agasalho e ao encontrarem *Egisthro* mata-o-hão. E assim acaba o primeiro acto. Apaga-se a electricidade, ha sombras furtivas que se escoam e a lua coando-se por entre as arvores vem mergulhar seus raios na relva e no cypreste do tumulo do rei assassinado.

Ao accender da luz novamente está tudo como antes. Só ao portico do palacio *Orestes* e *Pylades* batem pedindo hospitalidade. Ao chamado, depois de repetido, o porteiro acode.

E' a mãe, a adúltera *Klytaimnestra* quem recebe e a quem elles dão a nova de que *Orestes* é morto. Ella intimamente regosijada, lamenta-se e diz-lhes que apesar das más novas que trazem não serão peor tratados. E recolhem a palacio *Klytaimnestra*, *Orestes* e *Pylades*. Entre

Aura Abranches



Augusto Pina



1—Lopo Pimentel 2—Alfredo Ruas 3—Manuel Pina

o côro que fica só *Coripheu* roga aos deuses que guiem a mão de *Orestes* na sanguinaria empreza. *O yllisse* diz que vae chamar *Egithro* para ouvir a nova e dar expansão á sua alegria. *Coripheu* pergunta-lhe como ordenou a rainha que elle viesse? Se com a sua comitiva armada? Que sim.

*Coripheu*

«Pois o contrario devereis dizer-lhe:

se o amava. Pois bem: irá com elle á mansão dos mortos. Morrerá tambem. Ella invoca o seu perdão. Diz-lhe que tendo-lhe dado a mocidade elle em troca lhe conceda a velhice. *Orestes* indicoes pergunta a *Pylades* o que fará, mas *Pylades* implacavel e sombrio responde:

«Onde estão os oraculos de *Python*? Onde os teus juramentos? Inimigos de recear, sómente são os deuses.»

*Orestes* segue o conselho. *Klytaimnestra* prostra-se e roga, mas o filho arrasta-a e leva-a. Só na scena, onde um luar de prata branqueia o tumulo e o *cypreste*, fica *Coripheu* que diz ao côro:

«A mãe e o filho!... Lamentamos ambos.»

*Orestes* e *Pylades* ao fazer-se luz estão orando junto ao tumulo de *Agamémnon*. O cortejo que traz os cadaveres de *Egithro* e da rainha vem-se approximando. *Coripheu* diz que inimigo, quebrou-se o ferreo jugo, a servidão

immunda e a Felicidade chegou. *Orestes* diz ao grupo:

«Vêde, ahi estão os dois tyrannos d'Argos. Ainda ha pouco orgulhosos sobre o throno, e pelo amor unidos, se ostentavam. E, agora, pode bem apreciar-se. Fieis aos juramentos cont nuam. Tinham jurado os dois que matariam meu desgraçado pae e que, só juntos haviam de morrer; tudo cumpriram.»

Mostra cheio de indignação a rede com que tolheram os movimentos a *Agamémnon* para que este se não pudesse defender.

*Elektra* que vem des-



Raphael Marques



Thomaz Vieira

Que venha só e sem nenhum receio Ouvir a nova triste.»

*Ghylisse* sahe enquanto *Coripheu* invoca os deuses, esse

«Hermes subterraneo, guarda e guia dos mortos, ...»

para que conduza *Egithro* á morte.

*Ghylisse* dá a *Egithro* a nova fúnebre, este desaparece no portico do palacio enquanto *Coripheu* vota a morte. Mas *Egithro* mal entrou grita por soccorro. Cumpriu-se o vaticinio do oraculo. *Egithro* é morto, vem dizel-o um escravo. *Klytaimnestra* apparece perguntando o que ha.

«Que é isto? Quem se queixa em altos gritos?» ao que o escravo responde:

«Ouviste? — Os mortos estão matando os vivos.»

*Klytaimnestra* pede uma arma. Mas *Orestes* e *Pylades* descem do portico e ao vê-la

«Sois vós mesma de quem em busca vinha. *Egithro* é pago.»

Lamenta-se ella. *Orestes* agarra-a e pergunta



Castello d'Arade no Algarve onde Coelho de Carvalho adaptou a tragedia «Orestes»

cendo a escadaria do palacio depara com os dois cadaveres, e lamenta-se increpando o irmão que a desconhece. Elle censura-a, ao que *Elektra* volve n'uma voz «toda feita de magua e piedade»:

«E' tua mãe Orestes!»

Orestes diz: «Que importa?» Mas *Elektra* amaldiçoa-o e amaldiçoa-se.

E' então que a Duvida, serpe medonha, se enrosca no coração de Orestes. Já não sabe se foi justiça se foi um crime o feito que praticou. Lamenta-se. Diz que não sabe o que fez e deplora a mãe, deplora o crime, deplora a sua raça.

*Coripheu*

«Ninguem na vida está da dôr isempto; Atribuições surgem, cedo ou tarde.»

Orestes diz que vae sentindo perder a razão. Aproveita uns momentos de lucidez para afirmar:

«Enquanto estou em mim, caros amigos repito que não foi injustamente que minha mãe matei, pois manchada do sangue de meu pae, e misera estava.»

Mas o desanimo invade-o e diz que não mais terá socego. Terá sua expiação e

«... d'ora avante,

Errante, vagabundo e exilado, triste renome deixarei morrendo.»

*Coripheu* diz que elle libertou a cidade de Argos d'aquelles dois monstros. Escravos veem e cobrem piedosamente os cadaveres. As carpi-deiras passam lançando flores sobre elles e *Py-lades* sobe os degraus do portico levando a a rede ensanguentada.

Mas agora, ao fundo, a te'a illumina-se n'um clarão de incendio e Orestes que recuára até ao tumulo do pae vê as furias avançarem para

elle hiantes e sombrias. Avarança mas topa os cadaveres. Pede socorro. As furias encarniçam-se.

*Py-lades* diz que não tema. Mas Orestes allucina-se:

«São os cães devoradores, são as furias que minha mãe envia p'ra vingal-a.»

*Coripheu* do alto da escadaria, ao vê-o desvariando, acha a causa.

«As vossas mãos estão cheias de sangue é o tabido vapor que vos perturba.»

Como as furias crescem em numero e em grandeza Orestes quer escapar-se. Anda á tã sem achar uma sahida. *Coripheu* lamenta-o.

«Ide para Delphos. implorae Apollo, Elle vos livrá das vossas penas.»

O côro sobe a escadaria e vae-se. Orestes que fica só vê as furias novamente batalhando e espreitando-o.

«Vós não as vêdes, não, mas eu as vejo que veem sobre mim a uivar. Não posso esperar por ellas, não.»

E a loucura assoma furiosa. Redobra o seu giro e sae correndo aos uivos gritando, accordando a cogitação das arvores e o silencio da floresta estridentemente:

«Sou parricida! Sou parricida!»

Tal é a tragedia com que em Portugal pela primeira vez se tentou o theatro da Natureza. Taes são os formosissimos versos com que Coelho de Carvalho a decorou. Noite de arte ella terá por todo o sempre o perfume penetrante de uma recordação deliciosa e a memoria muitas vezes irá depôr a sua evocação ao soalco da estatuá da Belleza radiosa e eterna, Deusa do mysterio, domadora dos homens e das feras.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAYO.



O theatro da Natureza no Jardim da Estrella

# LA POR FORA



1—O avião Vidart, vencedor, na grande prova do Circuito Europeu, da etapa Calais-Paris  
2—A chegada de Beaumont, o vencedor do Circuito Europeu, e que já ganhara a corrida de Paris-Roma



# OS DEPUTADOS DAS CONSTITUENTES



Guilherme Nunes Godinho,  
deputado  
por Torres Novas



Narciso Alves da Cunha,  
deputado  
por Ponte de Lima



Gastão Rodrigues,  
deputado  
por Aldéa Gallega



Casimiro Rodrigues S.,  
deputado  
por Vianna do Castello



José Francisco Coelho,  
deputado  
por Santo Thyroso



Antonio Affonso Garcia  
Costa, deputado  
por Extremoz



João José de Freitas,  
deputado por  
Braga



Thomé de Barros Queiroz,  
deputado  
por Torres Vedras



Alberto de Moura Pinto,  
deputado por Arganil  
(Clichés Vasques)



Alberto Charula,  
deputado  
por Bragança



Joaquim José de Souza  
Fernandes,  
deputado por Braga



Francisco Antonio Ochoa,  
deputado por Bragança  
(Phot. Lazarus)



José Barbosa de Magalhães,  
deputado  
por Oliveira d'Azeméis



Florido Toscano,  
deputado  
por Villa Nova de Gaya  
(Phot. Universal)



Eduardo d'Almeida,  
deputado  
por Guimarães  
(Phot. União)



Eduardo d'Abreu, deputado  
por Angra do Heroísmo  
(Cliché de Benoitel)



Carlos Calixto, deputado  
por Beja  
(Phot. Fernandes)



Malva do Valle, deputado  
por Mossamedes  
(Cliché de Benoitel)  
(Clichés Vasques)



Ramiro Guedes, deputado por Thomar



Antonio Pires Pereira Junior, deputado por Villa Franca



Francisco Teixeira de Queiroz, deputado por Aldeia Gallega



Antonio Augusto Cerqueira Coimbra, deputado por Amarante



Antonio Ladislau Picarra, deputado por Aljustrel



Germano Lopes Martins, deputado pelo Porto



Augusto Almeida Monjardino, deputado por Angra do Heroismo



Francisco Xavier Esteves, deputado pelo Porto



José Nunes da Malta, deputado por Castello Branco (Clichés Vasques)

# OS PALACIOS DA REPRESENTAÇÃO NACIONAL

E' dentro d'estas casas mais que nos campos de batalha que se resolvem as questões da humanidade. As legiões romanas pisaram o mundo mas era no Forum que se faziam os gestos que as impelliam ou as obrigavam a recuar. Palacios da eloquencia revestem quasi to-



- 1—O Reichstag allemão em Berlim
- 2—O Reichratsgebade austriaco em Vienna
- 3—O parlamento inglez em Londres

tem tambem grandes tradições. A historia do grande povo nos ultimos annos foi ali feita. O parlamento americano é monumental, tem impo- nencia e tem gravi- dade; o de Berlim onde soam constan- temente as vozes dos socialistas contra os chancelleres e onde Bebel foi escutado por Bismarck é tam-

das fôrmas artisticas; erguem para os ceus as suas torres, mostram os esplendores das suas fachadas e lá no interior os bustos dos grandes oradores, as allegorias aos triumphos da palavra marcam as grandes épocas das historias constituçionaes. O mais bello edificio é o do parlamento inglez, é o mais antigo, o mais tradicional; o palacio Bourbon de França, com o seu ar romano

bem grandioso. O de Budapesth á beira d'agua, com as suas torres estylisadas parece saudoso de vozes independentes que proclamem como a de Kosuth uma Republica hungara, enquanto o de Vienna, mais pesado, mais grave, parece uma casa de grãos senhores.

Pois foi ali dentro que os deputados





1—A camara dos Deputados em Paris

2—O parlamento húngaro, em Budapest

mais irreverentes da Austria lançaram ha tempo os seus protestos tocando em buzinas e em trompas de caça. O parlamento turco tem a fórma de todas as edificações modernas como o palacio da Duma, cousas que parecem provisórias e d'onde de quando em quando os deputados são expulsos.

O primeiro parlamento portuguez installou-se no convento das Necessidades n'uma grande sala que deita para o paeo ainda hoje denominado das Côrtes, alli tremejou a voz de Fernandes Thomaz em 1821; ali foi D. João VI precedido por doze meninos vestidos de azul e branco, prestou a tremor o seu juramento constitucional e ali Borges Carneiro, o idolo do povo, disse ás galerias que se manifestavam estrondosamente contra os deputados brasileiros:

—«Calae-vos, porque se nas eleições sois soberanos aqui sois apenas subditos».

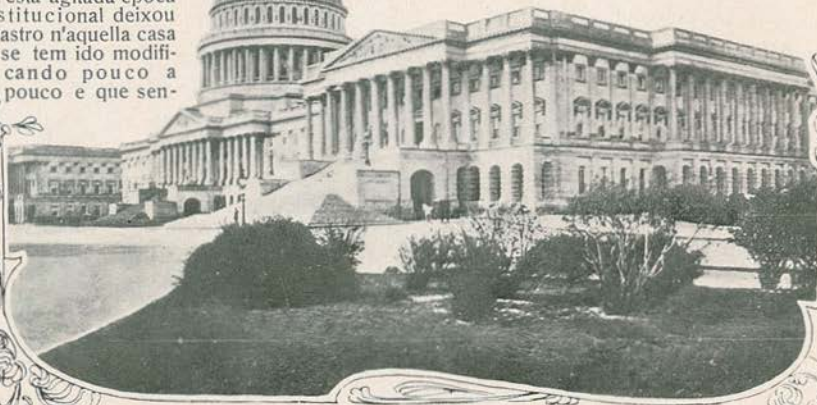
O parlamento composto por declamadores, gente ingenua que se julgava n'um regimen ideal acabou por saffrer de todos os acasos e de todas as revoltas. Umas vezes D. Miguel montava a cavallo e os deputados encolhiam-se; outros iam buscar as cinzas de Fernandes Thomaz como um escudo para as suas consciencias. Foi um parlamento installado no convento das Necessidades e que um dia o fogo consumiu. Mais tarde outro mosteiro, mal arranjado, á pressa, para o effeito acolheu os deputados. Foi o convento de S. Bento.



só apresenta semelhanças com as dos parlamentos de Cettigno e Belgrado.

Em todos elles teem soado as vozes dos homens mais celebres dos diversos pai-

As grandes batalhas, as luctas todo o decorrer d'esta agitada época constitucional deixou um rastro n'aquella casa que se tem ido modificando pouco a pouco e que sen-



1—O parlamento americano em Washington

2—O mais novo parlamento da Europa: a Camara turca em Constantinopla

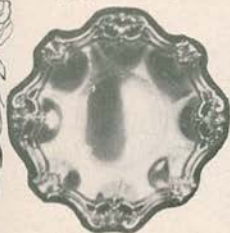
do feita para n'ella se debaterem claramente as questões nacionaes, para que sejam ouvidos os debates pelo povo, não tem. . condições acusticas.

O Congresso de Hespanha é tambem um bello edificio. Tem o aspecto que falta á nossa camara cuja fachada

zes, mas nas suas cadeiras tomaram muitas vezes logar maiorias de inferiores como, segundo conta Galdós, com a camara da Republica succedeu em Hespanha. Então chamou-se ao parlamento espirituosamente: *El tren de tercera*, apesar de Salmeron. apesar de Castelar.



# UMA OBRA D'ARTE DA OURIVESARIA PORTUGUEZA A BAISELLA-FREIRE-DE-ANDRADE.



A ourivesaria é essencialmente uma arte de luxo, se bem que a produção industrial de enorme numero de objectos em que se utilizam os metais nobres, e principalmente a prata, lhe tenham emprestado uma falsa apparencia de vulgarisação, comprometendo-lhe o caracter e a significação artisticas.

Por arte, em ourivesaria, comprehende-se, não a reprodução servil, por processos industriais de moldagem de modelos — mesmo quando originalmente valiosos sob o ponto de vista artistico, — mas a produção manual e accessoramente mechanica de obras inéditas. Se as filigranas portuguezas, pelo seu cunho tão eminentemente particularista, merecem o favor de serem incluídas na cathogoria das obras de arte, não é que a multiplicação de modelos tradicionais, na sua grande parte sem authentica belleza, banalisando-as as não desqualifique, mas tão sómente porque n'ellas se honra mais do que o objecto produzido pelo artifice inculdo o methodo precioso da factura.

Para não falar agora das joias propriamente ditas, cuja montagem tem nobilissimas tradições artisticas em Portugal, reverenciadas no estrangeiro, a cinzelação da prata atingiu entre nós perfeições que merecem especiaes referencias n'uma qualquer historia da arte portugueza. Não vem para aqui narrar o que foram as confrarias de lavrantes de prata, sobretudo estabelecidas no norte do paiz, nem estudar as causas multiplas que favoreceram até a maestria o desenvolvimento de uma arte que já no fim do seculo xv produzia a maravilha incontestada da custodia de Belem,

concebida e executada pelo ourives Gil Vicente,

primo do poeta da côrte de D. João II.

Como todas as artes sumptuarias, a ourivesaria é sensibilissima — e é-o mais do que as outras, — ás crises economicas e ao retrahimento do luxo. Ora em Portugal, desde os fins



1—Uma «bômbouinière»  
2—Um dos quatro  
candelabros  
3—O serviço de chá

do seculo XVIII, a riqueza particular vem gradualmente disseminando-se, fragmentando-se, pulverizando-se, de-

caíndo. Para substituir a opulencia das familias privilegiadas, detentoras de riquezas patrimoniaes que a extinção dos morgadios começou a destruir, o commercio e a industria não crearam através de um seculo opulencias compensadoras. A riqueza publica é incomparavelmente maior, mas o numero das grandes riquezas particulares é sensibilmente mais diminuto. Por outro lado a democratização in-



cessante da vida social, privada do antigo fausto da nobreza, concorreu para que as manifestações do luxo se restringissem. Com todos estes phenomenos se resentiu a ourivesaria. A bai-

xella era um dos grandes, dos primaciaes ornamentos da casa portugueza. Para o

teado e archivado, a produção de uma baixella como a que a casa Leitão & Irmão acaba de executar, em estylo D. João VI, por encomenda dos promotores da subscrição aberta em Moçambique, destinada a significar o reconhecimento



1—O Jogo de travessas ovaes  
2—Baldo para gelo  
3—Uma caneca  
4—O Jogo de salvas



gúa e não demorará que, nos seus elementos mais nobres, desapareça.

Reveste pois a importancia de um verdadeiro acontecimento, digno por todos os motivos de ser paten-



servir se desenvolveram verdadeiras escolas artisticas de cinze-

lação de metaes, em que o Porto parecia ter a primazia. São os descendentes, cada dia mais raros, dos lavrantes portuenses de prata, em que se perpetuou a habilidade magistral dos cinzeladores, de que ainda hoje a industria artistica da ourivesaria lança mão para a execução dos trabalhos em que tem de intervir a pericia manual do artifice.

Mas essa reduzida phalange velozmente min-



mento da provincia ao seu antigo governador Freire d'Andrade.

O presente valiosissimo está á altura dos meritos do presenteado e da significação excepcional que pretenderam comunicar-lhe os generosos e gratos doadores.

Composta de 54 peças: fioreira, candabros, fructeiras, travessas, molheiras, canecas, terrinas, salvas, etc., em que se empregaram 100 kilos de prata, além de um enorme faqueiro contendo centenaes de meudas peças, a baixella Freire de Andrade,



executada em menos de cinco mezes, honra não só a officina illustre de onde sahiu como põe em relevo a pericia dos artifices portuguezes. Certamente que no praso relativamente exiguo de pouco mais de cento e cin-

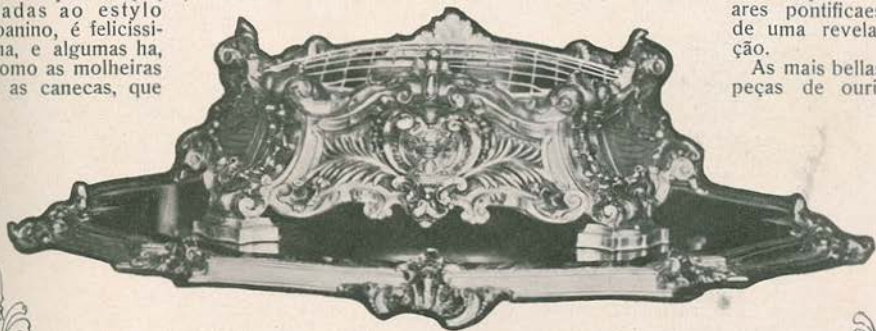
coenta dias não se podia exigir que a casa Leitão & Irmão produzisse uma d'essas inéditas obras-primas que marcam uma época nas artes. Mas mais uma vez provou que dispõe dos recursos para a produzir. A ideação das peças, subordinadas ao estylo joanino, é felicissima, e algumas ha, como as molheiras e as canecas, que



Jogo de travessas redondas

ctura e dos detalhes. A photographia apenas consegue dar uma appproximada idéa das linhas geraes e salientes da baixella, o bastante comtudo para certificar o erudito bom gosto com que na casa Leitão & Irmão se sabe, hoje em Portugal como mais ninguem, interpretar um estylo e applical-o. Demais, não é de hoje que isto está no conhecimento do publico, nem esta affirmação leva ares pontificaes de uma revelação.

As mais bellas peças de ouri-



1—O floreiro 2—Uma terrina 3—Um dos fruteiros

(Cliechs de Benolle)

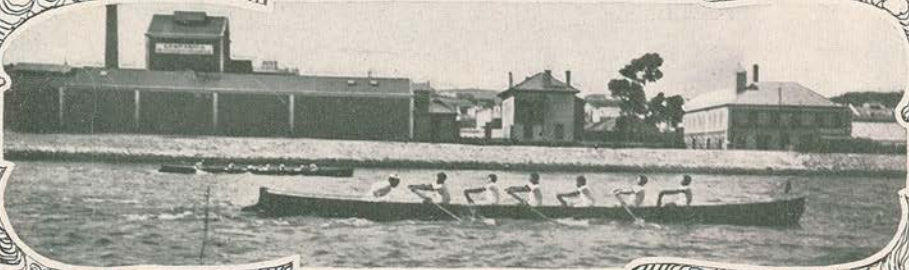
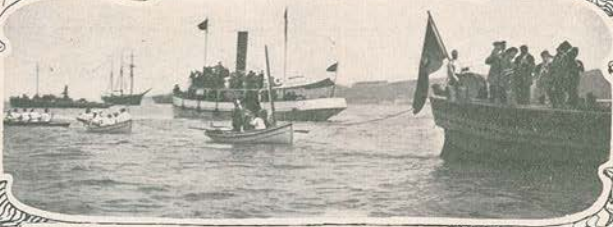
são uma maravilha de equilibrio e de harmonia.

Reproduzindo pela photographia a'guns d'esses esplendidos objectos de arte, não temos a pretensão de elucidar sufficientemente o leitor sobre a belleza da fa-

vesaria portugueza do fim do seculo XIX e principio do seculo actual teem a assignatura de Leitão & Irmão. Ninguem pode disputar á casa celebre do largo das Duas Igrejas a primazia que por direito usufrue



# A REGATA DA TAÇA DE LISBOA



1—Um aspecto do Tejo durante as regatas 2—O jury de chegada  
3—A corrida de «Pair-oares» 4—A corrida de «Inriggers» de seis remos  
5—Preparando-se para a largada da corrida da «Taça Lisboa»

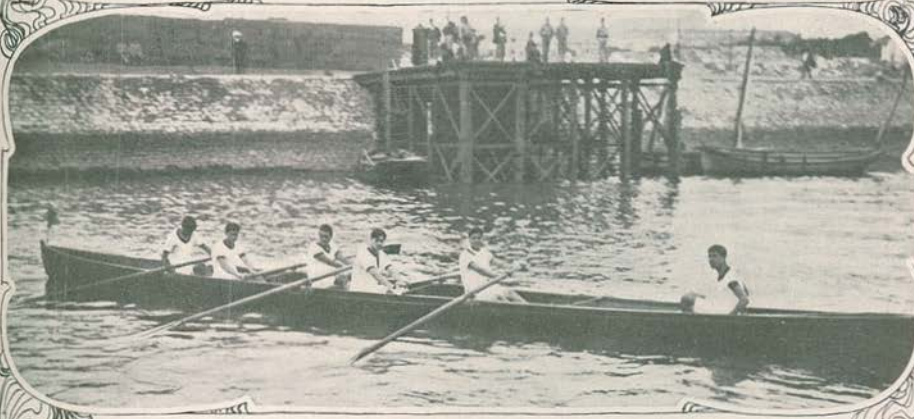


1—A tripulação do Club Naval de Lisboa

2—A tripulação do Gymnasio Club Figueirense

3—Largada da corrida de «out-riggers»

4—«Ouirigger» «Chaimite» vencedor da corrida.



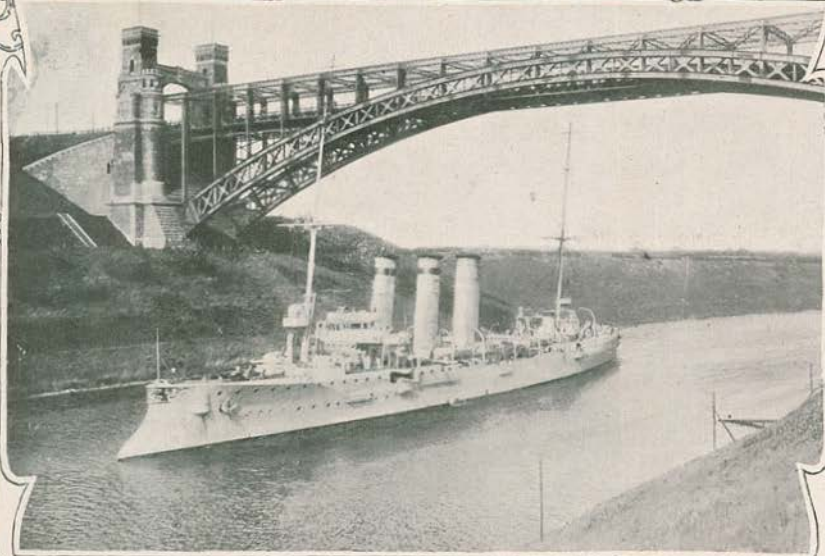
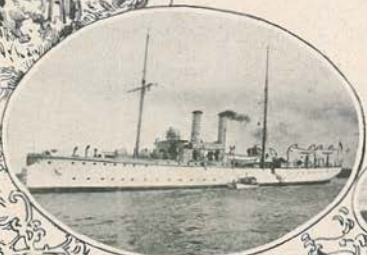
5—O «Inrigger» «Regulus»

(Clichés de Benollet)

# A QUESTÃO FRANCO-ALLEMÃ DE MARROCOS

Esboça-se um conflicto que começou em 1905 quando Guilherme II visitou Lisboa e sahiu d'aqui para Tanger, tem seguido varias evoluções apparecendo no primeiro plano a França e Allemanha ambicionando o dominio n'uma parte de Marrocos.

Os parlamentos, a imprensa e os governos dos dois paizes debatem a questão e enquanto os jornaes se entreteem em pugnar a Allemanha positiva, faz o seu grande gesto empolgador e envia, com pasmo da Europa, dois dos seus navios a Agadir, na affirmacão de que não desiste de ser consultada n'essa complicada questão marroquina.



1—O Imperador da Allemanha Guilherme II 2—O cruzador «Berlim» que se encontra em Agadir  
3—A canhoneira «Pantera» enviado para Agadir

# PAGINAS DE TRAGEDIA

Que de tragedias o mundo tem visto e como ellas affirmam que o homem, mesmo nas grandes civilisações, tem um fundo barbaro. Em nome do que chama a sua justiça mata; em defeza da lei que lhe serve condemna.

O que eram esses espectaculos dos circos romanos senão a defeza da lei dos velhos deuses em que se apoiavam os grandes Cesares?!

A multidão fanatica enchia o circo; redemoinhava, estremecia de gozo só á idéa do que se ia passar. Entravam na arena as lindas mulheres nuas, os homens robustos, mocidades que despontavam, velhices venerandas, matronas cujos ventres tinham gerado grandes cidadãos, virgens cheias de pudor mal cobertas nos seus cabellos longos. O povo-léu tinha um rugido igual ao dos leões que appareciam esfaimados, sedentos de sangue. Tigres, hyenas, pantheras, os grandes animaes da carnificina surgiam, as guellas vermelhas, os dentes afiados e de repente lançavam-se sobre aquellas presas que entregavam á sua fome. Alguns tinham crueldades de algozes; namoravam com os olhos brilhantes as carnes alvas, chegavam-se vagarosamente ás victimas e depois as garras dilaceravam, o halito perturbava, os dentes começavam a rasgar esses seios feitos para o amor, os musculos



1—«Vitellius arrastado pelas ruas de Roma, quadro de Rochegrome 2—«A morte de Cezar» quadro de Rochegrome



feitos para a lucta, a cegar, a despedaçar, a destruir. E o povo no alto do circo applaudia, vibrava n'um clamor sem fim, amando aquelle sangue derramado, gosando com as contorsões, com as expressões de terror, com aquelle soffrimento humano dos christãos no circo a serem devorados pelas feras quando os seus corpos não eram antes tornados em fachos vivos, untados enreznados, para se lhes largar o fogo ante o prazer da turba gosadora.

Mas não é apenas a multidão que tem esse enorme goso deante dos barbaros espectaculos. Os proprios senadores assistiam maravilhados a tão repugnantes scenas, o que não admirava porque não hesitaram algumas vezes em molhar as proprias mãos no sangue.

Em pleno senado Cesar, accusado de ambicionar a realza, viu approximar-se um senador como para lhe pedir uma graça. Ia responder-lhe. De repente um punhal brilhou; logo outro, depois outro; era o de Brutus: *Tu tambem, meu filho?! Leu-se-lhe o pasmo nos olhos, envolveu a cabeça na toga e caiu apunhalado por vinte e uma laminas,*

crivado por golpes sem conto, no rumor das vozes, das interjeições do goso d'esses suppostos amigos da liberdade.

E Vitellius?! Roma não assistiu tambem ás scenas barbaras do seu arrastamento pelas ruas, seguido pelos urros e pelos apupos d'uma turba desvairada?! Foi deveras



1—A morte de Pichegru, quadro de Moreau de Tours 2—A morte da princeza de Lamballes, quadro de Maxime Faivre


ultrajado o homem que entrando na cidade eterna na calcando os mortos d'uma batalha exclamava:

—Cheira sempre bem o cadaver d'um inimigo, sobretudo se é o d'um compatriota!

Mas não é apenas n'esse tempo re-

cuado que vemos as multidões fazerem assuas crueldades. A epidemia de crime da revolução franceza em que as furias dançavam em volta das guilhotinas, em que se passeavam nas ruas cabeças decepadas erguidas nas pontas dos chuços e iam as carroças atulhadas de desgraçados para a lamina luzente, é uma das





mais singulares e  
exranhas paginas  
de tragedia da  
historia do mun-  
do.

E essa linda  
Lumballe, corpo  
de mimo, olhos  
de paixão, a boc-  
ca mais bella en-  
tre as mais bel-  
las, apparecendo  
deante do povo  
excitado?! N'um  
instante toda  
aquella belleza é  
um montão de  
lama e a cabeça  
altiva que trou-  
xera dia-  
demas e  
bem alto  
se ergue-  
ra anda  
agora na  
ponta d'um chuço  
alteada ao sol de  
Paris, os olhos  
cerrados, pingando  
sangue, ao som  
da mais tragica  
das canções, ao  
som da *Ça ira*.

As carroças rodavam  
sempre, atravessavam  
as ruas, primeiro  
levando os aris-  
tocratas, depois o  
rei, a rainha, por  
fim os conven-

cionaes, os dictado-  
res, os republicanos  
que se degladiavam,  
Robespierre, Danton,  
gente que ia para a  
morte da mais ex-  
tranha forma som-  
bria, sem uma  
lagrima, com essa  
maneira singular  
dos estoicos que é  
tambem uma mo-  
dalidade da tragedia.

J. R



1—«Os christãos na arena»- quadro de Paul De Laubadère  
2—«A recondução das feras depois da carnificina»-  
quadro de Gérôme





# FIGURAS E FACTOS



**Os reservistas** — Os reservistas dos regimentos de infantaria 1 e caçadores 2 ao regressarem do norte em 14 de julho foram recebidos entusiasticamente na gare pelo povo que os acompanhou até aos respectivos quartéis victoriando-os com palmas e vivas.

Muitos dos reservistas, antes de partirem para as suas terras foram fazer uma grande manifestação ao ministro da guerra.

**Ministro do Brazil** — Deixou a legação de Portugal o sr. Costa Motta, antigo ministro do Brazil em Lisboa, e que teve na sua despedida as provas mais evidentes de quanto o apreciavam não só os dirigentes do paiz mas o proprio povo que ainda ha pouco, ao ser reconhecida a Republica pelo Brazil, lhe fez uma grande manifestação.





# O ENCARREGADO DE NEGOCIOS DA AMERICA VISITA A MAIOR ADEGA DO MUNDO

A maior adega do mundo, embora isso pese aos paizes vinicolas, mais desenvolvidos do que o nosso, existe em Portugal. E' em Rio Frio e pertence ao sr. José Maria dos Santos, o grande lavrador millionario.

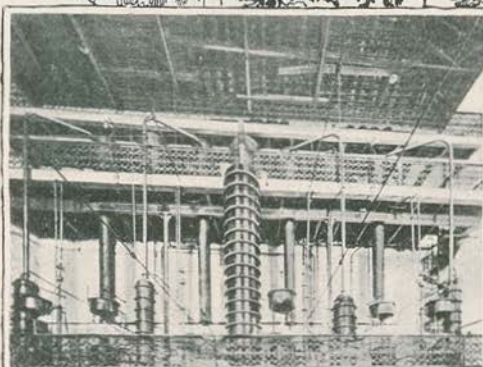
E' uma vastidão. No tempo das vindimas inumeras carroças conduzem a uva para os logares do fabrico e a aldeia é pequena para conter as legiões



- 1—O representante dos Estados Unidos com os seus companheiros de excursão á porta de uma das adegas de Rio Frio (Gliche de Benolle)
- 2—Uma das adegas de depósitos para vinho 600.000 litros de capacidade
- 3—Os toneis de 50.000 litros das adegas de Rio Frio



de trabalhadores. Os mais engenhosos e modernosapparelhosexistem ali e a produção do vinho é tanta que o seu proprietario se viu obrigado a abrir tabernas em diversas ruas de Lisboa onde o vende por um preço barato aguentando toda a concorrência. No tempo do maior trafego são quatro ou cinco mil operarios ali empregados tendo-se aberto uma estação de



1—Vista exterior das adegas de Rio Frio  
2—A casa de distillação e ratificação de alcool  
3—Os balseiros de 60.000 litros das adegas de Rio Frio

caminho de ferro, a de Valdera, quasi exclusivamente ao seu serviço destinada. Quarenta milhões de litros de vinho são ali produzidos e na grande extensão da adega a vista deslumbra-se, a imagi-



nação cança-se a pensar o que será n'um dia de faina o espectáculo do fabrico.

Em 16 de julho o encarregado de negocios da America, acompanhado pelos delegado do ministerio dos estrangeiros, consul americano em Lisboa, consul

portuguez em Boston e por outras pessoas, visitou a grande adega e apesar de habituado ás cousas monumentaes do seu paiz não poude esconder a sua admiração pelo que se lhe apresentava, a sua surpresa deante da magnifica e vasta officina.

As maravilhas do paiz dos reis do aço, do ferro, dos caminhos de ferro e do petroleo, dos soberanos das industrias e dos commercios, são inumeras, mas, apesar de tudo, o sr. Lorillard não deixou de confessar a sua grande impressão da visita que fez aos dominios do rei do vinho n'este cantinho portuguez.

Em Rio Frio foi oferecido um lauto almoço áquelle diplomata e ás pessoas que o acompanhavam, sendo servidos os mais bellos e antigos vinhos da região, fabricados pelos mais modernos processos na maior adega do mundo.



# RESURREIÇÕES DO PASSADO.

Os graves estudantes de Paris recordaram agora a sua antiga função de escolares quando corriam á noite a cidade de mão na espada e com um sequito de raparigas alegres. O typo do escolar d'essa epoca é o poeta Villat que percorria de boina na cabeça e capa ao vento as nações de França, Picardia, Normandia e Inglaterra em que estavam divididos esses estudantes do seculo xv. Os annos foram passando, os costumes modificaram-se e agora, em pleno seculo positivo, Paris vê ressuscitar, por um dia, as festas de *Lendit* que eram feitas por arruaceiros escolares da meia idade. Reconstituíram absolutamente a tradição; arautos, commerciantes e escolares, reitores, professores, magistrados, tudo o que formava então a supremacia intellectual d'essa bella cidade, passaram agora na mascarada dos estudantes que foram a *Lendit*, perto de S Diniz local onde aquellas ceremonias se realisavam, destacando-se no meio d'esse conjunto pittoresco o rei Basochaet e a sua companheira. Mas não foram só os estudantes parisienses que fizeram esta evocação do passado. Tambem a Normandia festejou com um cortejo historico o seu millenario. Viu-se então desfilar pelas ruas de Rouen no sequito das grandes personagens que como Rollon, o primeiro duque normando, passavam no seu *drakar*, o barco especial dos



1—O rei da Basochoet e a sua companheira, no cortejo dos estudantes de Paris



2—O cortejo do *Lendit*, promovido pelos estudantes parisienses, sahindo do Pantheon



piratas northmandos. Vinham depois os instrumentos guerreiros da época as catapultas, as hachas de armas, as alabardas, as fundas conduzidas por aqueles barbudos normandos. Passava tudo aquillo por debaixo d'um arco de triumpho lindamente ornamentado com allegorias magnificas. A rainha da Normandia com a sua

corôa e com as suas damas de honor causou um verdadeiro successo assim como os typos femininos normandos entrajados á maneira do tempo. Personagens historicas, como Luiz IV e Emma, filha de Hugues o Grande, foram reconstituídas segundo as gravuras do tempo, os quadros e os vitraes. Tambem os estudantes normandos tomaram parte no cortejo n'um lindo drakar que foi applaudidissimo.



1—A reconstituição do «drakar» em que Rollon, primeiro duque da Normandia, entrou em Rouen (festas do millenario da Normandia)  
2—O duque Rollon no cortejo do millenario normando)

A França republicana passa a fazer evocações do seu passado glorioso e de tal maneira, de forma tão artística que são um consolo para a vista e um alto ensinamento para o povo.

Vêr desfilar os seculos é realmente um espectáculo tão



Uma catapulta da Idade Media, reconstituída para o cortejo normando

grandioso e impressionante que Londres ha semanas assistiu deslumbrada ha passagem do cortejo da roação n'um fremito de entusiasmo.



Um aspecto do cortejo dos estudantes parisienses

# Paysagers de Londres

## Carta a um amigo

Dispôr-me a descrever-te Londres seria insensato. N'uma livraria de Southampton Road onde entrei esta manhã a pedir uma obra sobre a «Capital das Captaes», o *gentleman* que me attendeu, vestido como um socio do nobilissimo *Terrace Club*, com uma rosa branca na botoeira do fraque, olhou-me com a mais correcta e glacial impassibilidade, conduziu-me a uma sala forrada de livros do soalho ao tecto, e n'um gesto que abrangia as estantes repletas disse-me com simplicidade.

— *Th is they are...*

Fiz a mais energica tentativa para não perder, imitando-o, a impassivel linha, articulei o *Thank you, sir* que me impunha a correc-

joelhos, o gorro com penna de gallo inclinado sobre a orelha, com as suas gaitas de folles entoando uma nazalada marcha elegiaca, e todos tão fortes, tão firmes, tão vaidosos de si e tão sorridentes, que logo me surpreendi a comparal-os aos nossos pequenos, trigueiros, desairosos soldados, tão valentes na guerra como ta-citurnos e deploraveis na paz.

E ali logo resolvi abandonar o projecto de te escrever as indescriptiveis paizagens de Londres, commentando os bilhetes postaes que te enviasse ou fazendo-te dissertações sobre as photographias adquiridas por 6 d. nas tabacarias de Fleet-Street. Isso poderia vir a ser um thema de exame para exercicios litterarios, mas que



A abbada de Westminster

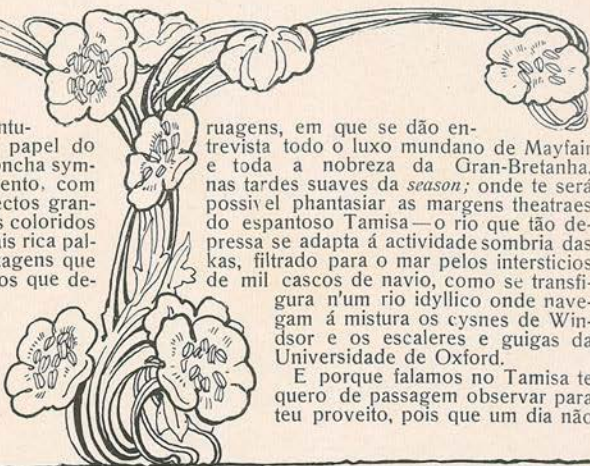
ção do seu fraque, a frescura da sua rosa, a simplicidade elegante da sua gravata, e sahi para a rua a tempo de vêr justamente passar, a caminho de Oxford-Street, — a immensa arteria que corta Southampton-Road e lança para os turbilhões da City as ondas humanas do W. C. e do W. E., — um regimento de *highlanders*, de pernas nuas, a saia escosseza bailando nos

adeantarias tu ao que já sabes, rico da erudição phenomnal difundida pelos doze cinematographos de Lisboa, quando eu te descrevesse com mais estylo e mais adjectivos e certamente com menos clareza do que o Baedeker, a cathedral de S. Paulo e a torre de Londres, o Hyde-Park e as corridas do Derby, os parques de Hampton-Court e os bailados do Alham-

bra? Não; não me aventurarei a reconstituir no heraldico papel do Waldorf-Hotel, sob o signo da concha symbolica que lhe serve de ornamento, com esta vil tinta negra, os mil aspectos grandiosos da cidade cyclopica, cujos coloridos cambiantes desconcertariam a mais rica palleta de um genial pintor. As paizagens que eu quero descrever-te, os aspectos que delibero narrar-te serão quasi unicamente circumscriptos aos seus accessorios humanos. Para a scenographia tens os bilhetes postaes, de que te posso mandar por uma libra, para o teu stereoscopia, uma collecção intermina-

ruagens, em que se dão entrevista todo o luxo mundano de Mayfair e toda a nobreza da Gran-Bretanha, nas tardes suaves da *season*; onde te será possivel phantasiar as margens theatraes do espantoso Tamisa—o rio que tão depressa se adapta á actividade sombria das kas, filtrado para o mar pelos intersticios de mil cascos de navio, como se transfigura n'um rio idyllico onde navegam á mistura os cysnes de Windsor e os escaleres e guigas da Universidade de Oxford.

E porque falamos no Tamisa te quero de passagem observar para teu proveito, pois que um dia não



O Tamisa, de noite, em frente do Parlamento

vel, onde admirarás os redemoinhos humanos da City, em que cada grande rua, projectada do Banco de Inglaterra e do Stock Exchange, em Capel Court, parece e é uma das arterias e veias por onde se absorve e injecta, como n'um coração, em alternadas sistoles e diastoles, a maior quantidade do ouro que circula na terra; onde poderás contemplar entre a ostentação florestal de Hyde-Park, desenroladas no meio de prados verdes, dignos pela sua macia belleza de que n'elles venham descansar os deuses exigentes do Olympo, as avenidas triumphaes, Rotten Row para os cavalleiros e Ladies' Mile para as car-

tarde te estou vendo desembarcar, mettido dentro do teu *ulster* e com uma *valise* em cada mão, na *gare* de Charing Cross, que é das pontes do Tamisa, ou de madrugada, quando o matinal formigueiro humano desperta e acorda a cidade ainda somnolenta de neblinas, ou ao anoitecer, quando se accendem os milhões de luzes que a enfeitam como as fabulosas joias com que se adorna para os espectaculos de gala uma rainha, que tu melhor poderás abranger as scenographias grandiosissimas de Londres.

De London Bridge a Westminster Bridge, desde as tumultuosas dokas á visão medieval do parlamento tu encontras



nas pontes intermediarias de Waterloo, de Blackfriars e de Southwark de onde, por fragmentos immensos, possas contemplar a metropole gigantesca, bipartida pelo rio lento e sombrio.

E tu estremecerás, homem da pequena, da anã Lisboa, ao medires as dimensões d'esta cidade-paiz, onde trabalham, arfam, suam, choram, riem, amam, gozam, soffrem, nascem e morrem seis milhões de creaturas humanas: a população, bem vês, de Portugal, com todas as suas provincias e ilhas adjacentes.

quando porventura, inspirado por Londres, venhas a pensar n'isso aqui, é a de que nós soffremos da ignorancia lamentavel de saber trabalhar. Nós só nos dedicamos, e por pouco tempo, ao amor. E praticamos o amor tão mal como o trabalho. Ainda agora, pelos jornaes que me mandas, sigo consternado o modo como as Constituintes trabalham. Juntam-se duzentos patriotas, abrazados de amor civico, e quando já se lhes procura nas paginas mais nobres e mais puras da Historia os similes para uma magestosa apoteose, vêmol-os de repente en-



A cathedral de S. Paulo vista do Tamisa

Não perguntes á Historia dos nossos gloriosos erros o motivo porque Lisboa — a Londres do seculo xv! — não soube atrahir aos seus fundeadouros as armadas commerciaes do Atlantico e do Pacifico, e ser no extremo occidental da Europa, com os seus dominios coloniaes de imperio, tambem uma cidade rainha, poderosa, laboriosa e opulenta.

São muitas, de ordem fatal, as adversas razões da nossa decadencia, mas aquella que te parecerá dominar todas as outras,

tregues ás suas paixões de homens, arrastados pelos seus impulsos latinos, desbaratando em conflictos de opiniões divergentes, de convicções oppostas, de vaidades inimigas, de interesses contradictorios o patriotismo, a energia e o talento. E eu que affirmára a um inglez incredulo, que me fitava com um precuciante olhar de ironia, mixto de sardonismo e orgulhoso desdem que, logo após a cerimonia tão commovedoramente bella de 1º de junho, as Constituintes iam reunir em sessão permanente

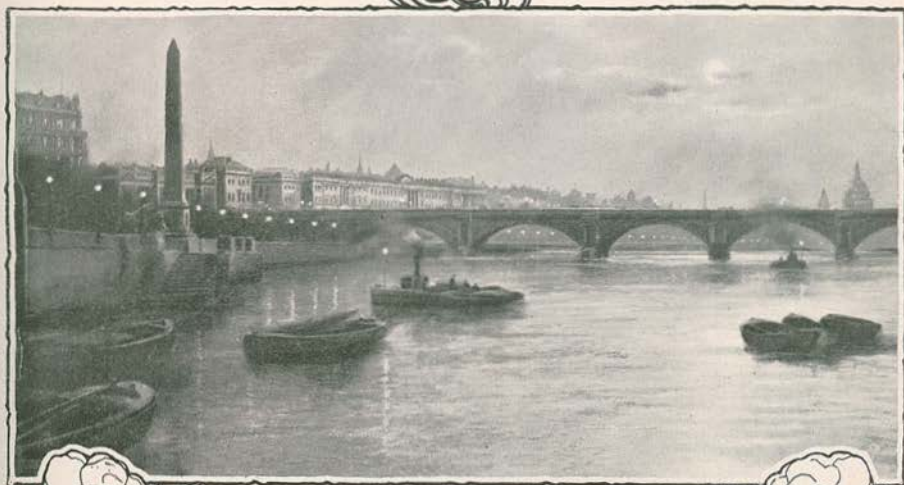


para debater no menor praso, em plebiscitos successivos, os pontos essenciaes da Constituição, de modo a permitir que, já orientada pela opinião das maiorias, expressa em votações, a commissão parlamentar eleita elaborasse e redigisse o código politico fundamental da Republica Portugueza! Como teria sido simples, facil, sensato e breve!

E como poudes, ao contrario do que o bom senso aconselhava, alguém lembrar-se, sem fazer o prévio

riam decorrido de bem diverso modo! Quanto seria proveitoso aos nossos politicos o tirocinio moral de alguns mezes de Londres! Porque Londres apazigua e eleva os caractéres, educa e disciplina as ideias, purifica e fortalece os sentimentos; e quantas, inumeraveis creaturas, na hora da afficção e do transe, aqui veem procurar de todos os pontos do mundo, a inspiração e a energia!

Tu dirás que não são paizagens de Londres estas dissertações de philosophia com que te estou en-

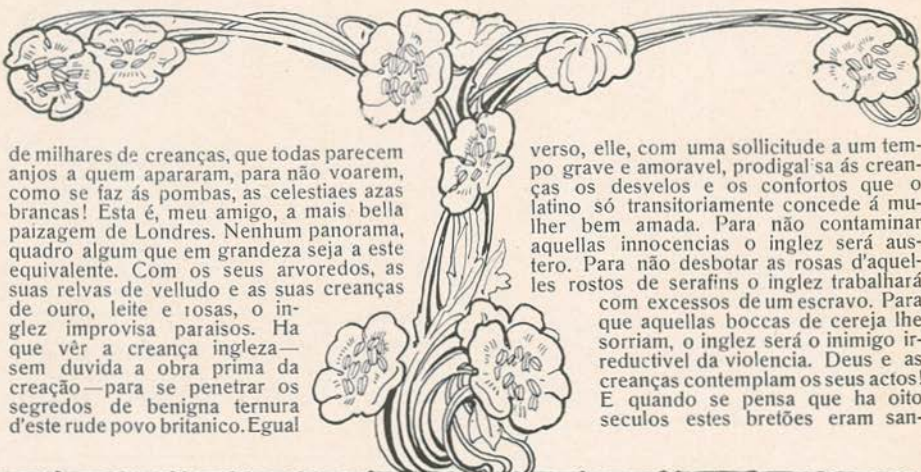


A agulha de Cleopatra e os caes de Londres

balanço da opinião parlamentar, de atirar para o debate um projecto de código que todos agora querem modificar, em que poucos vêem a Constituição entrosnhada, que muitos repellem como representando o mallogro dos seus ideias avançados?

Ah! se tivesse sido possível reunir em Londres as Constituintes portuguezas, como as cousas, mercê da serenidade que os espiritos bebem n'estes ares, graças á austera gravidade de que se saturam as almas n'este sanatorio de bom senso, have-

trendo ou importunando. Mas foi assim que eu vi Londres, n'esta manhã luminosa de verão, quando, no regresso ao hotel, atravessei Hyde Park desde Marble Arch, por Victoria Gate, a Hyde Parke Corner, por Albert Gate, lendo no *Seculo* as noticias de Portugal. E que de paginas eu con-umiria n'esta carta sem prolixidades, se me aventurasse a descrever-te o que é, na sua morna doçura e na sua luz attenuada, uma manhã de julho no prado floresta de Hyde Park, todo sonoro dos risos e das vozes



de milhares de creanças, que todas parecem anjos a quem apartaram, para não voarem, como se faz ás pombas, as celestiaes azas brancas! Esta é, meu amigo, a mais bella paisagem de Londres. Nenhum panorama, quadro algum que em grandeza seja a este equivalente. Com os seus arvoredos, as suas relvas de velludo e as suas creanças de ouro, leite e rosas, o inglez improvisa paraísos. Ha que vêr a creança ingleza—sem duvida a obra prima da criação—para se penetrar os segredos de benigna ternura d'este rude povo britanico. Igual

verso, elle, com uma sollicitude a um tempo grave e amavel, prodigal sa ás creanças os desvelos e os confortos que o latino só transitoriamente concede á mulher bem amada. Para não contaminar aquellas innocencias o inglez será austero. Para não desbotar as rosas d'aquelles rostos de serafins o inglez trabalhará com excessos de um escravo. Para que aquellas boccas de cereja lhe sorrissem, o inglez será o inimigo irreductivel da violencia. Deus e as creanças contemplam os seus actos! E quando se pensa que ha oito seculos estes bretões eram san-



A agulha de Cleopaton e os caes de Londres

ao do passado, elle tem o culto do futuro. Nas creanças elle não vê só seres encantadores e fragilimos, a que se deve carinho e protecção, mas o porvir da raça, os herdeiros do presente, os continuadores da tradição gloriosa da Gran-Bretanha. E para que aquella infancia melindrosa se converta n'uma geração athletica, para que aquellas pennugens se transformem em musculos vigorosos, capazes de levantar e sustentar a patria acima das restantes nações do uni-

guinarios barbaros, especies de bestas-feras com semblantes humanos, perde-se o direito a des- esperar de que seja possivel, retormando os costumes e educando melhor as gerações que estão no berço, preparar um novo Portugal onde se ame melhor e se trabalhe mais, onde a discordia ceda o logar á harmonia, onde seja mais abundante e saboroso o pão e mais raros e menos rancorosos os inimigos.

P. N. 3



COMPANHIA DO

# Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

**CAPITAL:**

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundus de reserva e de amor- usação.....	266.400\$000
leis.....	950.310\$000

**Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado, Marianã e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal de Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria-Velha), Installadas para uma producao annual de seis milhoes de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeicoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressao e de mirlinho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricacoes especies de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicacoes periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276  
PORTO—43, Rua de Passos Manuel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: COMPANHIA PRADO. Numero telephonico Lisboa, 603 — Porto, 117.

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes  
TOSSES  
BRONCHITES  
são radicalmente CURADAS  
PELA

## SOLUÇÃO PAUTAUBERGE

que dá  
PULMÕES ROBUSTOS  
e previne contra a  
TUBERCULOSE

PREÇO PARA PORTUGAL: 800 REIS O FRASCO.

L. PAUT UBERGE  
COURB-VOIE-PARIS  
e em todas as Pharmacias.

OMPREM AS

## Sedas Suissas

Peçam as amostras das  
nossas novidades em preto  
branco ou cor:

**Duchesse, Voile, Setim flo-  
xeliv, Taffetas, Crêpe de Chi-  
no, Eolienne, Côtelé, Mous-  
sofine,** largura 120 cm. a partir de  
1 fr. 25 c. o metro. **Veludo e Fe-  
luche** para vestidos, blusas etc. as-  
sim como **blusas e ve t dos bor-  
naes** em batiste, D, soie e seda.

Vendemos as nossas sedas garanti-  
das solidas **di octamerite aos  
freguezes e francas de alfân-  
oega e de porte a domicilio.**

Schweizer & C.  
Lucerne E II Suissa

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real



## O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE  
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

## BROUILLARD

Diz o passado e o presente e profetiza o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicacoes praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria a quem predisse a queda do Imp-rio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, Italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-toja) — LISBOA. Consultas a 1\$000 rs., 2\$500 e 5\$000 rs.

## PARA ENCADERNAR

# Illustração

# Portugueza

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO** da «Illustração Portuguesa».

Desenho novo de optimo effeito

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SECULO"

43, Rua do Seculo, 43

LISBOA


  
 O mais Artístico dos Perfumes de Luxo
   
 O mais Precioso dos Perfumes duradouras
   
**Relique d'Amour**
  
**L. LEGRAND**
  
 PARFUMERIE ORIZA
   
 11 PLACE DE LA MADELEINE . PARIS


  
**ZEISS**
  
**BINOCULOS**
  
 PARA
   
**VIAGEM ♦ SPORT ♦ CAÇA**
  
*Peçam-se prospectos T 89*
  
 A' venda em todos os estabelecimentos de Optica e por:
   
**CARL ZEISS-JENA (Alemanha)**
  
 Berlin—Frankfort s. M.—Hamburgo
   
 Paris—Vienna—S. Petersburgo
   
 Londres—Milão


  
**Contra Asthma**
  
 Remedio de Ahyssinia Exibard
   
 em 1.º Cigarros. — *Allivio immediato.*
  
 28, Rue Richelieu, Pariz. — Todas Pharmacias.


  
**LOÇÃO DE QUEANT**
  
**CABELLO**
  
**BARBA**
  
**PESTANAS**
  
**SOBRANCELHAS**
  
 Único producto scientifico apresentado na **Academia de Medicina de Paris** contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo
   
**L. DE QUEANT**, Pharmacien 38, Rue Cassan-court, Paris
   
**E. LISBOA**, 15, Rua dos Espalheiros, a quem deve-se dirigir para todas as informações gratúitas
   
 A VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL.

**A' sahida do Theatro**

Toda a gente deve tomar um frasco de **LEITE NUTRICIA** na Brasileira.

**Nutricia de Lisboa**

Telephone 2840
   
 229, RUA AUGUSTA, 231—LISBOA

Trabalhos de Zincogravura, Photogravura, Stereotypia,
   
 Composição e Impressão

**Fazem-se nas officinas da** **Illustração Portuguesa**

**ZINCOGRAVURA E PHOTOGRAVURA.**—Em zinco simples de 1.ª qualidade, cobrado ou nickelado. Em COBRE, A CORES, pelo mais recente processo = o de trichromia.
   
**PARA JORNAES** com tramas especiaes para este genero de trabalhos. STEREO TYPIA de toda a especie de composição. Impressão e composição de revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

**Officinas da ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA**
  
 RUA DO SEculo, 43—LISBOA